

Porta-voz dos Novos Filósofos franceses, Bernard-Henri Lévy abandonou provisoriamente a vocação de polemista para produzir um dos melhores romances sobre a geração que viveu intensamente o engajamento político dos anos 60, o delírio dos 70 e a queda na real dos 80

O diabo que faz a cabeça

O diabo na cabeça, de Bernard-Henri Lévy. Tradução de Tati Moraes. Rocco, 480 páginas, CZ\$ 620.

Luciano Trigo

“**Q**UANDO é que um filósofo decide correr o risco de um romance? Quando está cansado de sua voz, penso eu”, declarou Bernard-Henri Lévy ao lançar *O diabo na cabeça* na França, em 1984. De fato, pouco nessa sua primeira — e até agora única — incursão pela ficção lembra os arroubos grandiloquentes e o dogmatismo rígido de seus livros teóricos. A história gira em torno de Benjamin C., anti-herói por excelência da segunda metade do século XX: vivendo até o paroxismo a experiência do engajamento político, termina seus dias esmagado pela desesperança e pelo derrotismo. Como pano de fundo, o silêncio dos intelectuais, a loucura de Althusser e a morte de Sartre, Barthes, Lacan e Foucault.

Benjamin é portanto uma espécie de resumo, de curto-circuito da história contemporânea. Surpreendentemente, porém, não se trata de um romance de tese, exceto no capítulo final, onde a voz do protagonista e a ideologia de Henri-Lévy se confundem. Até aí, o “filho natural de um casamento diabólico, o fascismo e o stalinismo”, é um personagem que resulta do cruzamento de quatro imaginários distintos, unidos por um investigador anônimo que enxerga em Benjamin o encontro das forças mais perturbadoras de sua época. Dessa forma, a infância e a adolescência deste *enfant terrible* são apresentadas pelo diário de Mathilde, a mãe, e pelo interrogatório de “tio Jean”, o padrasto, enquanto sua breve maturidade nos é revelada pelas cartas da namorada Marie à sua irmã e pelo depoimento do advogado e amigo Alain Paradis.

“É o livro de um fracasso”, explica o autor. “É também o romance das vidas paralelas e da duplicidade, pois quase todos os personagens têm uma vida dupla e se espionam mutuamente. O diabo é o verdadeiro assunto do romance, pois ele está nas cabeças dos personagens e à frente do cortejo. É ele quem leva a dança”. Mathilde esconde

do filho que o pai foi um colaboracionista e delator durante a Segunda Guerra. Jean carrega a culpa de não ter salvo o rival do pelotão de fuzilamento e de passar Benjamin para trás quando a mãe morre de câncer. Benjamin se vê assim dividido entre o ódio ao padrasto e a internalização dos crimes do pai, além de um acentuado complexo de Edipo que o leva a um de a juventude, só se interessa por mulheres de 45 anos ou mais (“Um corpo não me provoca ereção, a não ser quando sinto um passado de memórias”). A exceção é Marie, jovem que ele não hesita em enganar com estranhas figuras do *bas-fond* parisiense. E, mais tarde, após a desilusão de Maio de 68 e a insatisfação com as viagens lisérgicas dos anos 70, (“quem será esse sujeito estranho, com essa atitude ridícula, agora tão rara, de estudante revolucionário?”), Serena, uma árabe que ele conhece nos campos palestinos do Líbano, para onde parte em busca de ação.

O círculo se fecha. O engajamento num grupo terrorista lhe dá a chance de se vingar do padrasto — vingança que, na verdade, seria o objetivo último de seu ingresso na luta armada. Henri-Lévy acerta na dosagem, privilegiando o itinerário individual de Benjamin sem se deter em julgamentos de cunho político, e realiza a proeza de recuperar a dimensão humana de seus personagens de forma imparcial. Se não revela nenhuma simpatia por Benjamin, tampouco o reduz a uma vítima de um processo histórico mais amplo. Figura irritante na filosofia (ver quadro), aqui ele se mostra irritante por razões inversas: por ter sabido criar com a habilidade de um veterano, um romance de estréia que se filia à linhagem de clássicos contemporâneos iniciada com *A condição humana*, de Malraux, e prosseguida com *Os caminhos da liberdade*, de Sartre, e *A peste*, de Camus. A impressão que fica é que se daqui a cem anos alguém se lembrar de Bernard-Henri Lévy, não será por *La barbarie à visage humain*, *Le testament de Dieu* ou *Eloge des intellectuels*, mas justamente pelo livro que menos corresponde à sua fama de histrião, *O diabo na cabeça*.

Luciano Trigo é pós-adepto da Nouvelle Philosophie